

***In memoriam* Ian Maddieson (1942-2025)**

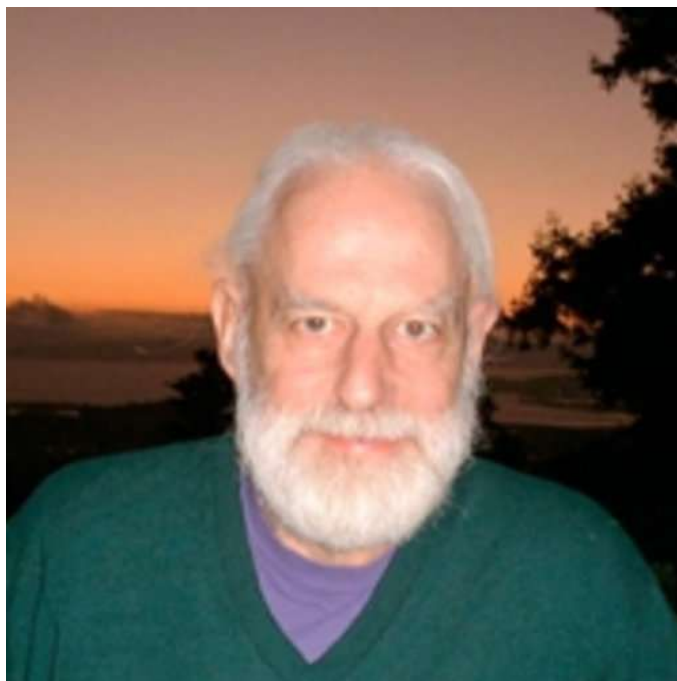
João Veloso

Centro de Linguística da Universidade do Porto, Portugal

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

Universidade de Macau, Macau

jveloso@letras.up.pt - joaoveloso@um.edu.mo



(Fonte: International Phonetic Association)

Muitos anos antes de um laboratório de fonética ou uma biblioteca nos caberem num computador portátil, ir em busca de informação relativa a dados fonéticos e fonológicos de uma quantidade representativa de línguas do mundo conduzia-nos invariavelmente a livros como *The Sounds of the World's Languages*, que, saído das mãos de Peter Ladefoged e Ian Maddieson, a editora Blackwell, de Oxford, publicaria em primeira edição no ano de 1996 (Ladefoged e Maddieson, 1996).

Num volume de aproximadamente 400 páginas, informação detalhada acerca da ocorrência das principais classes fonológicas e respetivos segmentos em línguas de todas as famílias linguísticas é-nos apresentada com rigor e exatidão. A informação é sempre acompanhada de exemplos, mapas e ilustrações. A escrita que organiza todos os dados é cuidada e elegante. Tudo, neste livro, contribui para fazer dele um dos principais livros de linguística publicados no grande século da linguística. No ano a seguir

à publicação do livro, a FLUP publicou uma recensão dessa obra e o tempo viria a confirmar a observação antecipatória com que, no final desse texto, afirmei: “[...] The Sounds of the World’s Languages será, doravante, uma referência fundamental para todos os professores, investigadores e estudantes de fonética, de fonologia e, ainda, de linguística, não só pela abundância de informações que condensa, mas ainda pelo rigor da análise, pelo alcance teórico dos seus objectivos e dos seus resultados e pela ilustração e fundamentação de todas as suas afirmações” (Velooso, 1997: 543).

Antes (e na origem) desse livro, houvera o papel liderante de Maddieson – com Ladefoged e com outros investigadores de vários países – na construção e na divulgação daquela que foi porventura a primeira base de dados informatizada com informação fonológica acerca de centenas de línguas do mundo: o UPSID (UCLA Phonological Segment Inventory Database). Restringido aos inventários segmentais, o UPSID é ainda hoje consultável em <http://web.phonetik.uni-frankfurt.de/upsid.html>¹, e dele nos dá conta também um outro livro de Ian Maddieson: *Patterns of Sounds*, publicado em 1984 pela Cambridge University Press (Maddieson, 1984). Outros projetos e outras bases de dados comparáveis e posteriores ao UPSID permitem-nos hoje, numa questão de poucos segundos, saber, p. ex., quantas e quais são as línguas no mundo que contêm nos seus sistemas fonológicos consoantes oclusivas aspiradas, vogais anteriores arredondadas, codas ramificadas e acento proparoxítono. O PHOIBLE², o WALS³ ou o StressTyp2⁴, para citar apenas alguns dos mais conhecidos desses recursos contemporâneos, são, de certa forma, a continuação da aventura original do UPSID, claramente inspirados nessa primeira base de dados fonológicos. E, em casos como o PHOIBLE e o WALS, contaram também com o contributo indireto ou com a participação direta de Ian Maddieson⁵.

A Ian Maddieson, falecido aos 82 anos de idade no dia 2 de fevereiro de 2025, ficamos assim a dever, entre muitos outros ensinamentos, tudo o que podemos ir colher a *The Sounds of the World’s Languages*, ao UPSID e a iniciativas similares que lhe sucederam, mas também aos cerca de 300 títulos (entre, nomeadamente, livros, artigos e capítulos de livros) que a sua página do Google Académico regista, publicados

¹ Acedido em 23.11.2025.

² <https://phoible.org/> (acedido em 23.11.2025).

³ <https://wals.info/> (acedido em 23.11.2025).

⁴ <http://st2.ullet.net/> (acedido em 23.11.2025).

⁵ <https://phoible.org/contributors>; <https://wals.info/author> – ambos acedidos em 23.11.2025.

(maioritariamente em inglês, mas também noutras línguas, como o francês) entre 1974 e 2023⁶ – ou seja, ao longo de praticamente um meio século muito rico e muito enriquecedor para o nosso saber em ciências da linguagem⁷. Trata-se, com efeito, de um meio século de ouro, que deixa à fonética, à fonologia, à tipologia, à linguística africana e a outros domínios contemplados pelos estudos de Maddieson um legado que marcou as gerações de linguistas que foram contemporâneos da sua obra, sendo expectável que a formação de muitos linguistas das próximas gerações continue a ser influenciada por tudo quanto resultou de uma carreira longa e brilhante como a de Ian Maddieson.

Repescando das notas biográficas publicadas após a sua morte no corrente ano – como a da International Phonetic Association⁸ e o próprio obituário pessoal de responsabilidade da família⁹ –, somos informados dos lugares e datas do seu nascimento e do seu falecimento (Watford, Londres, Reino Unido, 1 de setembro de 1942 – Albuquerque, Novo México, Estados Unidos da América, 2 de fevereiro de 2025), dos seus principais interesses de investigação, dos vários países em que viveu e das diversas instituições em que estudou e trabalhou.

Depois de uma licenciatura em Estudos Ingleses na Universidade de Oxford (1964), Ian Maddieson passou um ano ensinando Inglês e Francês no Gana, o que terá certamente determinado o seu interesse, mantido ao longo de toda a sua vida e percurso profissional, pelas questões de linguística africana e de preservação das línguas ameaçadas, patente já no mestrado, concluído em 1968 na School of Oriental and African Studies da Universidade de Londres. Após uma curta experiência como assistente na Universidade de Oxford, Ian Maddieson saiu pela primeira vez da Grã-Bretanha para ensinar Linguística. Por isso o encontramos, entre 1968 e 1971, como assistente da Universidade de Ibadan, na Nigéria. Depois desse período, Maddieson haveria de rumar à América, como assistente de ensino e investigação e como estudante de doutoramento na Indiana University, na UCLA e na Universidade de Stanford. Em 1977, conclui na UCLA

⁶ https://scholar.google.com/citations?hl=en&user=WrST9dcAAAAJ&view_op=list_works&sortby=pubdate (acedido em 23.11.2025).

⁷ Na página profissional que o próprio I. Maddieson manteve nos seus últimos anos de vida, o autor restringe o conjunto de publicações representativas da sua obra a pouco mais de três dezenas de títulos (<https://www.unm.edu/~ianm/pubs.html>; acedido em 23.11.2025).

⁸ <https://www.internationalphoneticassociation.org/news/202502/ian-maddieson-1-sept-1942-2-feb-2025> (acedido em 23.11.2025).

⁹ <https://www.frenchfunerals.com/obituaries/ian-maddieson> (acedido em 23.11.2025).

o seu doutoramento, com uma tese sobre os sistemas tonais de diversas línguas africanas. Nestes anos formativos, como o próprio reconhece na breve nota autobiográfica publicada na sua página institucional já aqui referenciada, Maddieson teve a oportunidade de trabalhar em projetos dirigidos por alguns dos nomes mais proeminentes da linguística africana, da linguística ameríndia, da tipologia linguística, das teorias da linguagem e da variação linguística, da fonética e da fonologia então radicados nos Estados Unidos, como Peter Ladefoged, Joseph Greenberg, Charles Ferguson, Larry Hyman e outros. Como professor e investigador, a sua carreira viria a desenvolver-se sobretudo na Califórnia, primeiro na UCLA (1977-1999) e, entre 1999 e 2006, em Berkeley (mantendo-se, porém, ligado à UCLA como professor adjunto até 2006). Depois da aposentação, em 2006, assumiu uma posição de professor adjunto na Universidade do Novo México, residindo em Albuquerque com a sua esposa, Caroline Smith, também professora de Linguística da UNM. Entre as instituições de fora dos EUA com que manteve contactos mais estreitos e assíduos, destacam-se o Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology (Leipzig, Alemanha) - onde colaborou, nomeadamente, com Martin Haspelmath no projeto The World Atlas of Language Structures (WALS) entre 2003 e 2006 - e o DDL - Laboratoire Dynamique du Langage, do CNRS, em Lyon (França). Fora da Universidade, teve uma participação particularmente ativa na Associação Fonética Internacional, de que foi vice-presidente entre 2003 e 2007, membro do Conselho Executivo e do Conselho Científico Internacional entre 1989 e 2019 e presidente da Comissão das Línguas em Risco de Extinção, entre 2017 e 2019. Durante 6 anos, de 1989 a 1995, dirigiu o Journal of the International Phonetic Association. Itinerando entre a Europa, a África e a Europa, entre a fonética acústica e a tipologia fonológica, entre a linguística descritiva e a sociolinguística, sempre absorvido pela diversidade estrutural das línguas em ligação com as culturas com que estas interagem, mostrando-se disponível para colaborar tanto com as universidades famosas por onde passou como com projetos locais de preservação de línguas ameaçadas, Ian Maddieson deixa um contributo científico, cultural e ético que é o reflexo de um perfil académico de exceção e um exemplo para todos quantos escolhem a linguística como forma de posicionamento na ciência e no mundo.

Com o coautor de *The Sounds of the World's Languages*, Maddieson partilhou não apenas essa obra a quatro mãos ou a idealização e concretização do UPSID. Quer

Ladefoged, quer Maddieson são descendentes da mesma filiação teórica e metodológica, a “Fonética Linguística” de tradição britânica, herdeira de Henry Sweet, Daniel Jones e outros pioneiros do século XIX e início do século XX (Kaye, 2006). Ambos partilham a coincidência biográfica de, tendo nascido e adquirido os primeiros diplomas universitários em Inglaterra, terem construído a maior parte das suas carreiras nos Estados Unidos. Ambos partilharam uma conceção um tanto “etnográfica” da fonética, que não dispensa o contacto direto, sempre que possível, com as comunidades falantes das línguas estudadas¹⁰.

Lembro-me da primeira vez em que falei com Ian Maddieson: foi num congresso de Fonética em Estocolmo, no ano de 1995. O Professor Maddieson, que eu imaginava solene e distante, usava cabelo comprido e um casaco de motoqueiro. Timidamente aproximei-me de Maddieson e perguntei-lhe por que não havia (naquela altura) dados sobre o português no UPSID. “Porque os linguistas portugueses gostam muito de se esconder. Precisamos de mais linguistas do português na América.” A última vez em que o vi e em que com ele falei foi em 2009, em França, numa das últimas (talvez na última das) edições das Journées d’Etudes Linguistiques organizadas pela Universidade de Nantes. O tema da edição era a identificação de pontos de segmentação em cadeias fonéticas. Eu, não inteiramente seguro do que estava a dizer, estava a tentar fazer algumas propostas que pudessem associar o fim de palavra em português a certas sequências e estruturas fonológicas e a primeira (talvez a única) pessoa a fazer-me perguntas foi Maddieson, que prolongou a conversa, mostrando-se interessado nas minhas ninharias, durante a pause-café (onde admitiu não se lembrar do nosso fugaz encontro na Suécia catorze anos mais cedo).

Uma carreira como a de Maddieson não é uma corrida de alta velocidade ou um salto voraz de obstáculos. É uma prova de construção contínua e de persistência árdua ao longo do tempo, do vagar dispensado à recolha e análise dos dados, ao estudo profundo das fontes e à escrita cuidada de textos científicos. Requer aquela paixão pelo estudo que a cada instante dá ânimo e o renova. Precisa dos momentos solitários em que a reflexão se faz. Em fonética e em fonologia, e na interface das duas, essas qualidades

¹⁰ Ladefoged, falecido aos 80 anos de idade em janeiro de 2006, morreu inesperadamente em Londres durante uma escala do longo voo que o trazia de regresso à América logo após uma viagem de campo para recolha de dados na Índia (vd. <https://linguistics.ucla.edu/faculty/remembering-peter-ladefoged/ucla-ladefoged-obituary/>; acedido em 23.11.2025).

são essenciais para se fazer a ciência que fica depois de cortada a meta. Além das línguas e da linguística, a corrida era uma das paixões de Ian Maddieson, tal como recordado por todos os seus colegas, amigos e familiares. Na sua página pessoal, Maddieson reserva um separador especial para o seu gosto pelo running, sublinhando ter sido um dos poucos humanos a correr a ultramaratona. Foi, nas suas palavras, uma das únicas 35 pessoas no mundo a ter feito 10 vezes essa corrida em menos de 24 horas¹¹. Na vida, nas bibliotecas, nos laboratórios, nos treinos e nas provas de atletismo, Ian Maddieson foi um maratonista campeão e o seu troféu é o reconhecimento, que perdura, dos seus pares e dos seus ímpares.

Referências e obras consultadas

- Kaye, A. S. (2006). An interview with Peter Ladefoged. *Journal of the International Phonetic Association*, 36(2), 137-144.
- Ladefoged, P., & Maddieson, I. (1996). *The Sounds of the World's Languages*. Blackwell.
- Maddieson, I. (1984). *Patterns of Sounds*. Cambridge University Press.
- Veloso, J. (1997). Recensão crítica a PETER LADEFOGED; IAN MADDIESON - *The Sounds of the World's Languages*, col. "Phonological Theory", Oxford, Blackwell Publishers, 1996, xxi + 426 pp. *Revista da Faculdade de Letras do Porto - Línguas e Literaturas*, XIV, 539-543.

¹¹ <https://www.unm.edu/~ianm/bio.html> (acedido em 23.11.2025).